

CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO

1937

TÓPICO ESCOLHIDO

4

ENSAIO

Coloca o teu código de identificação e o tópico escolhido nos espaços assinalados a cinzento.

Redige o teu ensaio abaixo, em *Calibri*, tamanho 11, justificado, com o espaçamento pré-definido. Não escrevas o teu nome (ou qualquer elemento que te identifique) e não alteres elementos do cabeçalho. Não voltes a escrever o teu código de identificação.

Razão. É uma palavra com bastante autoridade. Acarreta um peso enorme. Simboliza, só por si própria, uma grande variedade de posturas, pensamentos e atitudes que são encaradas como o modelo acertado da atitude humana. No entanto, a razão nunca deve ser vista como algo que devemos sempre seguir, e, portanto, assemelha-se um pouco ao ser humano: não é perfeita.

O problema apresentado fala-nos de uma situação hipotética em que temos de escolher se queremos viver por mais cinco anos, apenas, ou se queremos viver por mais 60 anos (cerca de), deixando para trás todas as memórias que temos da vida que vivíamos. Quem se debruça intensamente sobre este problema vê todas as fragilidades da razão. Consequentemente, a reflexão profunda deste problema encaminha-nos, automaticamente, para o questionamento dessa grande entidade.

O ensaio que vou redigir servirá, então, para testar essa força: a “razão”. Quero confirmar que, tal como nós, ela erra. Além disso, e como se trata de um assunto com uma dimensão emocional tão grande, proporciona a discussão sobre conceitos como a vida, a família, os amigos, o amor e a morte, o que vai desatar alguns “nós” que tenho sobre os mesmos. E quem sabe, talvez desatarei muitos “nós” alheios...

Perguntar-me-ão, decerto, qual a importância de discutir um problema como este. E eu direi que, se por um lado, todos os conceitos que mencionei (a vida, a família, os amigos, o amor e a morte) são conceitos de grande envergadura emocional, e, como tal, devem ser debatidos intensivamente, por outro lado, sei que questões tão difíceis, como esta, associadas a problemas que podem, de um momento para o outro, mudar inteiramente o decurso das nossas vidas, devem ser discutidas, nem que essa discussão seja feita apenas com o desenvolvimento cognitivo em vista.

Por esta altura, já devo ter dado pistas suficientes para arruinar o suspense associado à descoberta da resposta que daria ao problema: a resposta da morte. Algo que a razão me impede de dizer. É irracional fazer uma coisa dessas, abdicar de 60 anos saudável para viver, somente, mais cinco. E não tenho dúvidas nenhuma que me vão contradizer com excelentes argumentos. Apenas duvido que tenham o poder necessário de se libertarem da razão, como eu pretendo fazer.

Como já revelei, eu não me trataria. Esta negação do tratamento implicaria a minha morte em cinco anos. Mas o que representa a morte? Representa o esquecimento? Representa a mudança radical do meu caráter? As pessoas que me amam, que gostam de mim e que me admiram, será que me veriam com outros olhos? Será que se esqueciam daquilo que eu alcancei na vida? Daquilo que fiz de bem ou daquilo que fiz de mal? Será que todas as *obras valerosas* que fiz, ainda em vida, dissipar-se-iam? Não. Então morrer não pode ser associado ao que me aconteceria se recusasse o tão milagroso tratamento. Isso, na minha opinião, não é morrer. Isso é mais parecido à suspensão de um computador, isso é ser suspenso. Para finalizar este tópico só quero dar este exemplo: eu admiro Viriato, D.Afonso Henriques e a Padeira de Aljubarrota. Sei e lembro-me deles porque lhes atribuo inúmeras qualidades. Não sei se alguma vez viveram, e podem nunca ter vivido, mas, a meu ver, nunca morreram (só estão em suspensão).

Pedem-me que, acima de tudo, pense naquilo que realmente seria melhor para mim. Mas o que é melhor ou pior para mim nunca pode ser visto como algo objetivo e nunca pode ser visto como um caso isolado. Eu vivo em colectividade. Por isso, o que é melhor para mim será sim, acima de tudo, melhor para mim, mas também será melhor para as pessoas que se preocupam comigo, que têm carinho por mim, e para as pessoas com que eu me preocupo, por quem eu tenho carinho. E é nessa complexidade que me quero debruçar. Imagine-se então que eu me curaria. O que sentiria a minha mãe? O que sentiria o meu irmão? O que sentiria a minha irmã? O que sentiriam os meus avós? O que sentiria a minha família? O que sentiria o meu melhor amigo? O que sentiria a minha melhor amiga? O que sentiriam os meus amigos? O que sentiriam as pessoas que eu conheço e que me admiram? Com esta minha cura, suspeito que se sentiriam bem. Todavia, prevejo que se sentiriam muito mal com o efeito secundário da mesma. Porquê? Porque morreriam. Eu esqueceria todos os seus feitos. Tudo aquilo que me fizeram de bem ou de mal encaminhar-se-ia para as ruas da amargura. Isso sim é morrer! E perguntem-me, agora, se quero ser suspenso, ou se quero matar todas estas pessoas que amo. Só aí é que seria racional: prefiro ser suspenso.

Um outro problema que tenho com a tal cura é que eu na consigo escapar a suspensão. Imagine-se que me curo. A vida que sigo está “inteiramente desligada” da que tinha. Inclusive, tenho os meus valores originais “radicalmente” alterados. Isso não é ser suspenso (ou estar morto, como se diz tradicionalmente)? Claro que é! Se adotar novos valores e se tiver uma nova identidade em termos psicológicos (o que depois também pode alterar a minha identidade física), suspendo o antigo “eu”. Suspendo-o uma vez que já não existe. A pessoa que era já não se encontraria entre nós. Por isso, façam-me outra pergunta. Mas desta vez interroguem-me se eu prefiro ser suspenso, ou se prefiro ser suspenso matando, simultaneamente, aqueles que mais gosto. Correndo o risco de ser repetitivo: prefiro ser suspenso.

O meu último argumento deve basear-se só em mim. Como o enunciado me sugere. Curar-me ou não me curar, eis a questão (adotando uma visão egocêntrica, que todos nós precisamos de adotar, por vezes). Se eu decidir que me deva curar, vou matar aquela que deve ser a pessoa mais importante da minha vida: eu próprio. A pessoa em quem me transformarei não saberá nada acerca da minha pessoa “original”. Não lhe ocupará a menor das memórias (o “eu” original). Isso é escolher a morte, pura e dura.

A principal objecção a esta tese é clara: reside no facto de estar a desperdiçar 60 anos de vida saudável para apenas agradar alguns seres humanos. E aqui, não basta uma reflexão sobre a morte. É necessário que haja uma reflexão sobre a vida. O que é viver? Será que viver é não

saber quem são os meus progenitores? Será que viver é não saber de onde venho? Será que viver é não saber nada sobre mim? Será que viver é esquecer todos aqueles que fizeram da minha vida, antes da cura, valer a pena? Não. Viver não é, nem de perto nem de longe, ter de passar por tais experiências.

Concluindo, decido ignorar, por uma vez na vida, a razão. Perante este problema eu não escolheria curar-me, mas também não escolheria a morte. Porque deixar de pensar, respirar e sentir não é morrer, isso é só ser suspenso. E se em oposição teria de matar todos aqueles que amo, suspender-me e matar o meu “eu” antigo na minha própria cabeça, acho que se torna clara a solução a adotar: eu não me curaria.